

**PRÁTICAS EM DANÇA, GÊNERO E CORPOREIDADES: A
PRESENÇA MASCULINA NAS DANÇAS ÁRABES**

**DANCE, GENDER AND CORPORATE PRACTICES: THE MALE
PRESENCE IN ARABIC DANCES**

Ariel Ferreira do Nascimento¹

RESUMO

O presente trabalho busca refletir sobre a presença masculina nas práticas de dança do ventre, vertente da dança muitas vezes apontada como restrita para mulheres. Tendo como objetivo questionar a uso da palavra “ventre” na nomenclatura difundida no mundo ocidental pelos europeus, foram analisados textos e artigos, como também experiências vivenciadas pelo autor. O estudo aponta que o fazer artístico em dança está imbricado aos processos de nomeação e distinção dos corpos, sendo assim, são designados papéis sociais e modos de mover diferenciados, de acordo com o gênero do ser dançante. Expandindo as noções de gênero, que outras corporeidades podem complexificar os indivíduos para além do binarismo entre homem e mulher? Tal pesquisa levanta esta possibilidade como um lampejo na busca por diálogos entre dança e gênero, enfatizando a criação de corporeidades subversivas dentro de padrões designados como exclusivos de determinados gênero ou sexo.

Palavras-chave: Dança do ventre. Gênero. Corporeidades.

ABSTRACT

This study aims to reflect on the male presence in belly dance practice, dance aspect often identified as restricted to women. Aiming to question the use of the word "belly" in the nomenclature widespread in the Western world by Europeans, texts and articles were analyzed, as well experiences of the author. The study points out that the artistic practice of dance is interwoven the nomination processes and distinction of bodies, therefore, are assigned social roles and ways of moving differentiated, according to the gender of the individual who dances. Expanding the notions of gender, which other corporealities can complexifying individuals beyond the binary of man and woman? This research raises this possibility as a flash in the search for dialogue between dance and gender, emphasizing the

¹ Licenciatura e Bacharelado em Dança (Universidade Federal do Ceará - UFC). Especialização em LIBRAS (Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI). Especialização em Arte-educação e Cultura Popular pela (Faculdade PLUS / FACPED). Especialização em Gestão Ambiental (Faculdade Ateneu - FATE), Curso Superior em Gestão de Turismo – (Faculdade Ateneu - FATE). Professor da Faculdade PLUS. E-mail: arielvolkova@gmail.com

creation of corporealities subversive within standards designated as exclusive of certain gender or sex.

Keywords: Belly dance. Gender. Corporeality.

RESUMEN

Este trabajo busca reflexionar sobre la presencia masculina en las prácticas de la danza del vientre, una línea de danza a menudo señalada como restringida a las mujeres. Con el fin de cuestionar el uso de la palabra “vientre” en la nomenclatura difundida en el mundo occidental por los europeos, se analizaron textos y artículos, así como las experiencias vividas por el autor. El estudio señala que el hacer artístico en la danza se entrelaza con los procesos de nombrar y distinguir cuerpos, por lo que se designan diferentes roles sociales y formas de moverse, según el género del ser bailarín. Ampliando las nociones de género, ¿qué otras corporealidades pueden cambiar complejos a los individuos más allá del binarismo entre hombres y mujeres? Tal investigación plantea esta posibilidad como un destello en la búsqueda de diálogos entre danza y género, enfatizando la creación de corporealidades subversivas dentro de patrones designados como exclusivos de cierto género o sexo.

Palabras clave: Danza del vientre. Género. Corporealidades.

INTRODUÇÃO

Não cabe a este estudo a pretensão de abranger de modo totalitário ou superficial os mais diversos modos de viver das diferentes culturas existentes no mundo, no entanto, se faz necessário pontuar que, mesmo com uma enorme variedade cultural é perceptível a existência de uma grande diferenciação entre os conceitos aplicados aos corpos do que se generaliza enquanto homem e mulher.

A associação da imagem do homem, na maioria das vezes, é relativa à força, a dominância e ao poder, sendo naturalmente ressaltado como um ser racional. Por outro lado, a imagem da mulher está intrinsecamente ligada a uma passividade, a reprodução e a fragilidade, sendo facilmente apontada como um ser sensível e emotivo.

Os processos que norteiam os modos de ensino-aprendizagem, de se comportar, de mover, de habitar o mundo por pessoas de diferentes sexos tem uma relação imbricada com o que é percebido por gênero, sendo este, segundo Connell (1995 apud ANDREOLI 2010^a, p.110), “uma construção que se dirige fundamentalmente aos corpos”. Os corpos que desviam dos padrões hegemônicos de gênero, normalmente, passam por um processo violento de recusa ou depreciação por grande parte da sociedade, por não se adequarem aos padrões previamente estabelecidos e aceitos como normais.

Um corpo socializado como homem, por exemplo, ao manifestar características associadas à representação social do que se nomeia como feminino, tem sua masculinidade posta em questão. Evidenciando assim, como as noções de corpo e gênero são restritas a um único modelo padronizado para corpos masculinos ou femininos.

A partir de tal percepção sobre o conceito de gênero, lanço algumas questões: Quais percalços surgem quando se decide habitar uma prática em dança normatizada como pertencente e produtora de um corpo diferente do que se espera do seu? O que emerge quando

rompemos com modos de fazer artísticos cristalizados? Como complexificar as corporeidades dos indivíduos para além das restrições advindas do binarismo entre homem e mulher?

DIÁLOGOS ENTRE DANÇA E GÊNERO: O HOMEM QUE DANÇA

Socialmente há uma vigilância imposta sobre os modos mais adequados de se comportar e as funções que indivíduos de gêneros diferentes precisam desempenhar para que sejam aceitos e/ou reconhecidos. Os regimes corporais seguem sendo performados prioritariamente baseados em noções comportamentais hegemônicas. Diante disso, quais percalços um indivíduo socializado como homem precisa lidar para efetivar suas práticas em dança?

Observando o contexto artístico vivenciado em minha trajetória, principalmente em dança, percebo a existência de uma grande pressão sobre os sujeitos envolvidos com a produção artística, no que diz respeito a uma postura taxativa e redutora acerca de suas sexualidades, muitas vezes apontadas como “desviantes” e associadas de modo pejorativo à homossexualidade, ou menosprezados com o pressuposto de que homem não dança.

Esse pensamento perpassa diversas esferas das vidas dos bailarinos, emergindo em contextos públicos, como também na esfera familiar. Cito aqui um trecho de uma pesquisa realizada junto a sete bailarinos de dança contemporânea no ano de 2010 por Andreoli (2010b, p.86) na cidade de Porto Alegre: “O obstáculo familiar aparece frequentemente atrelado a essa associação entre dança e homossexualidade num sentido negativo, ou seja, dentro de um registro simbólico de heteronormatividade² e de homofobia”.

Tal sentido pode ser afirmado em outra pesquisa desenvolvida pelo mesmo autor, no que concernem os obstáculos sociais enfrentados pelo homem que dança:

[...] a estética corporal proporcionada pela dança é considerada a mais própria de uma espécie de essência natural da mulher. Por outro lado, ela parece ser imprópria para um projeto de aquisição e de “prova” de masculinidade viril, o que historicamente sempre foi melhor articulado através de uma associação entre masculinidade e certos esportes, e que faz com que o homem, para dançar, tenha que superar inúmeros obstáculos sociais. (ANDREOLI, 2010a, p.112)

O fazer artístico em dança se desdobra social e culturalmente em diferentes civilizações, produzindo um saber que se efetiva como área de conhecimento. Desse modo, tal prática não está apartada dos processos de nomeação e distinção dos corpos. Consequentemente, surgem papéis sociais e modos de mover diferenciados, de acordo com o gênero do ser dançante, onde “os usos do corpo, dentro dos mais diversos estilos de dança, podem ser analisados como mecanismos de normatização, de aplicação das normas de gênero, que investem na produção de determinados tipos de corpos masculinos ou femininos”. (ANDREOLI, 2010a, p.111).

² A heteronormatividade (WEEKS, 1999, p. 67) é o nome dado ao dispositivo cultural de poder, que age através do gênero, com vistas a produzir corpos heterossexuais, e que legitima processos de diferenciação produtores de desigualdade social: a homofobia. Ela é uma das formas de regulação dos gêneros e age por meio do policiamento e da censura à sexualidade.

A partir de uma lógica que impõe padrões diferenciadores para os corpos, um complexo sistema se estabelece, promovendo conexões diretas entre as categorias de gênero, sexo e sexualidade como sendo intrinsecamente imbricadas dentro de uma lógica causal e de correspondência entre si.

No entanto, ao atentarmos que tais lógicas não são dadas, mas constituídas a partir de uma determinante discursiva que constantemente se afirma, podemos percebê-las agindo nas mais diversas esferas que nos compõem socialmente enquanto indivíduos. Para esclarecer tais apontamentos, citamos:

Gênero, então, é tido como performativo porque, como ocorre com a clássica elocução “É uma menina”, elocuições de gênero não são nunca meramente descritivas, mas prescritivas, exigindo que a endereçada aja de acordo com as normas vinculadas a gênero e, além disso, que crie um gênero apropriado em cada ato culturalmente percebido que ela realizar, desde a maneira como penteia seu cabelo até a maneira como caminha, fala ou sorri. (LIVIA e HALL, 2010, p.122)

Tais normas acabam fortalecendo uma percepção binária de mundo, onde os indivíduos que se distanciam desse imaginário social pré-estabelecido são compreendidos normalmente por um viés de desorientação ou anormalidade, provocando mais equívocos sobre os entendimentos de distintas categorias que compõem os indivíduos e de suas possibilidades socioculturais.

O IMAGINÁRIO SOCIAL DA CULTURA OCIDENTAL ACERCA DAS DANÇAS ÁRABES: A RESTRIÇÃO DA PRESENÇA MASCULINA NAS PRÁTICAS DE DANÇA DO “VENTRE”.

Dança do ventre: a dança da mulher?

Em relação às danças árabes, as práticas relativas à dança do ventre são referidas, corriqueiramente, como pertencentes exclusivamente ao corpo da mulher, sendo relacionadas aos rituais de fertilização, como também à valorização de uma sensualidade e encantamento apontadas enquanto qualidades de uma suposta essência feminina.

Em comparação a outras linguagens de dança, percebe-se que ao longo do tempo as construções dos discursos e práticas foram e continuam sendo modeladas, onde seus significados e modos de fazer podem variar de acordo com os contextos nas quais se inserem. Apesar de atualmente a dança do ventre ser predominantemente praticada por mulheres,

estudos revelam que “há indícios que a DV³ seja originalmente uma dança para ambos os sexos”. (SARAIVA, 2008, p.5).

A partir de tal citação, abrimos espaço para pensar sobre a construção social dos indivíduos e suas relações com o fazer artístico. É possível a existência de uma dança apartada do processo de produção social dos corpos? Lopes (2002) lança a sua percepção sobre o indivíduo como ser resultante de uma construção que perpassa várias esferas, e não como algo pré-determinado, inerente ao humano.

Para Souza (2007) “Aprendemos, no cenário da cultura, modos de ser homens e mulheres, assim como nos aproximamos e nos distanciamos de parâmetros de uma dita normalidade construída historicamente” (p. 23). Dessa forma, podemos afirmar que as noções de masculinidades e feminilidades estão em constante estado de modificação / atualização, visto que o sujeito não é um dado inerte, mas um processo performativo de construção a partir dos discursos que lhe são disponíveis, que reconfigura e modula a si mesmo na contínua relação com o outro e o mundo ao redor.

O imaginário da cultura ocidental reconheceu socialmente a “dança do ventre” a partir da difusão das expedições europeias aos países árabes, que seguem, atualmente, tendo suas imagens, muitas vezes em uma leitura simplista no que diz respeito às diversas modalidades de danças e práticas culturais da história do Oriente, popularizadas na mídia e por outros dispositivos. Em vista disso, faz-se necessário repensar o contexto onde tais nomenclaturas foram denominadas para atualizá-las em nossas abordagens em dança na contemporaneidade.

A nomenclatura mais apropriada e, inclusive, a utilizada nos países árabes é “Dança do Oriente”. O nome dança do ventre foi dado pelos franceses, que costumam denominá-la também de “dança do estômago”. *Belly Dance* é a tradução que os americanos adotaram. Os egípcios a denominam *Raqs Sharqê*. (LA REGINA, 1998, p.11)

Que ventre é esse? Associações entre discursos normativos e práticas em dança.

É importante questionar o posicionamento utilizado por algumas profissionais e bailarinas da área, que buscam restringir o acesso a tais práticas de dança embasadas por questões de ordem biológica. A exemplo disso, pode-se citar a associação das danças árabes exclusivamente às funções do aparelho reprodutor feminino e o uso da nomenclatura “dança do ventre”, como dispositivos restritivos para que apenas mulheres possam praticar esse estilo de dança.

³ DV: Abreviação de dança do ventre.

Um estudo realizado por Saraiva (2008) constata que apesar das entrevistadas considerarem a liberdade artística do homem, percebeu-se um comportamento de rejeição por bailarinas em relação à presença masculina em tal linguagem de dança. Além disso, em suas entrevistas surgiram relatos onde as participantes expressaram que “no Brasil os homens que procuram a DV são, na sua maioria, homossexuais” (p.5).

Outro dado apontado no discurso de parte das entrevistadas nas abordagens realizadas por Saraiva, diz respeito ao entendimento unificado entre as categorias “sexo” e “gênero”:

As bailarinas entrevistadas demonstram algumas vezes dar o mesmo significado ao que é biológico e ao que é construído, no que interpreta as bailarinas dão à DV ambos os significados. Porém, dizer que a DV é uma dança da mulher é diferente de dizer que é uma dança do feminino. Ao caracterizar a DV como uma dança da mulher, feita para *o corpo da mulher*, excluem-se, então, os homens de sua prática. Já ao caracterizá-la como a dança do feminino, o homem que busca tornar-se mais feminino socialmente poderá então se utilizar dela para o fim desejado. (SARAIVA, 2008, p.2).

Ao articular de modo expandido um pensamento em dança que leve em consideração a pluralidade e a inventividade de cada sujeito, para além das restrições impostas pelos padrões sociais normativos, surgem algumas indagações: É possível elaborar corporeidades em dança que destoam dos padrões heterossexuais hegemônicos? É viável nos ater às lógicas de movimento produzidas pelos corpos dançantes sem reduzi-los em uma leitura unificada entre às categorias de sexo e gênero?

Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino. (BUTLER, 2016, p.26).

Atentando para atravessamentos de outros fatores, como os de ordem social, cultural, contextuais, experiências individuais e subjetividades, podemos perceber os processos de subjetivação de um modo mais complexo, onde “se compreende, também no pós-modernismo, a identidade (de gênero) como um processo sociocultural complexo e contínuo (que não se dá apenas na adequação do comportamento social a características morfológicas corporais)”. (BERGHAUSER, 2013, p.6)

Logo, é relevante ampliar e diversificar os modos de perceber os indivíduos, desvinculando gênero de sexo e vice-versa, pois os mesmos operam dentro de lógicas discursivas distintas. Na contramão da maior parte dos estudos bibliográficos para a produção deste texto, vale ressaltar a dissertação de Mestrado feita por Xavier (2006), onde a autora elabora um estudo com intuito de ressignificar a dança do ventre como prática performática:

[...] destaco a constatação de que a dança do ventre não é uma prática exclusivamente feminina e que apesar da filtragem sexual que criou a idéia de que seus movimentos não eram adequados ao corpo masculino, a resistência cultural faz com que a prática masculina sobreviva até hoje. Também acredito que essa dança pode auxiliar a ruptura da fragmentação no treinamento de artistas, bem como abrir possibilidades de reflexão sobre arte, corporeidade e nossos próprios limites e preconceitos. (XAVIER, 2006, p.5)

Questionar e reconhecer os mecanismos que nos formam ao ponto de compreendermos os modos de agir não como naturais, mas como compostos por algo que é da dimensão sociocultural, torna-se relevante para nos distanciarmos de estados consolidados de percepção, onde em vez de passarmos a aceitar e a ditar parâmetros normativos, atuaremos

vivendo e considerando a diferença como força motriz para evidenciar os numerosos modos de viver que nos rodeiam, seja nas esferas artísticas ou não.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Posicionamentos questionadores e críticos são de grande relevância, pois, enquanto indivíduos vivemos inseridos em um sistema organizado por leis e regras, muitas vezes estabelecidas de modo a excluir determinados grupos de pessoas, revelando a necessidade de estarmos atentos às lógicas que compõem e determinam os modos de agir e existir socialmente. A partir da pesquisa bibliográfica realizada nota-se que a lógica binária (homem e mulher) é dominante e impõe de modo hegemônico distinções entre os corpos em diferentes culturas, excluindo ainda aqueles que não se encaixem na mesma.

Percebemos ainda, no que diz respeito às práticas em dança, modelos normativos que impõem padrões nos modos de mover e nas linguagens de dança, o que pode promover a restrição da presença de indivíduos de gênero e sexo diferentes do que se normatiza para tais práticas. Nota-se ainda uma dificuldade, por parte das praticantes da DV, de compreender as diferenças entre as categorias sexo e gênero, onde a leitura imbricada de tais categorias, em alguns casos, provoca uma unicidade excludente.

No entanto, é notável que os estudos que problematizam as categorias de gênero, sexo e sexualidade têm sido fundamentais para repensar as práticas sociais de um modo geral, uma vez que, também trazem contribuições para os fazeres artísticos e para a dança, articulando a percepção sobre os indivíduos através da potência de suas particularidades. Isso é notado pelas práticas artísticas atravessadas por tais estudos e por uma desconstrução constatada no que concerne o “ventre” nas danças árabes. Dessa maneira, operando em um registro onde a diferença é levada em consideração.

Outrossim, percebemos a importância em se refletir sobre a presença masculina nas práticas de dança do ventre, vertente muitas vezes apontada como restrita para mulheres. Isso se torna relevante numa busca por diálogos entre dança e gênero, cuja bibliografia é ainda muito restrita no Brasil. Apontamos assim, a possibilidade da criação de corporeidades subversivas dentro de padrões designados como exclusivos de determinado gênero ou sexo, expandindo os modos de percepção e as possibilidades no campo de criação artística e seus desdobramentos na sociedade.

REFERÊNCIAS

ANDREOLI, Giuliano Souza. **Dança, gênero e sexualidade:** um olhar cultural. Conjectura, Caxias do Sul, v.15, n.1, p. 107-118, jan./abr. 2010a. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/viewFile/186/177>. Acesso em: 01 out. 2015.

ANDREOLI, Giuliano Souza. **Representações de masculinidade na dança contemporânea**. 2010. 137 f + anexos. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010b. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/24158/000744979.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30 ago. 2015.

BERGHAUSER, Tatiana Araújo. **Corpo, gênero, dança**: representações em uma cena contemporânea. Florianópolis: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), 2013. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1386788200_ARQUIVO_TatianaAraujoBerghauser.pdf. Acesso em 13 fev. 2016.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

LA REGINA, G. (Málíka). **Dança do ventre**: uma arte milenar. São Paulo: Moderna, 1998.

LIVIA, Anna e HALL, Kira. “É uma menina!”: a volta da performatividade à linguística. OSTERMANN, Ana Cristina e FONTANA, Beatriz. (Org.) **Linguagem, Gênero, Sexualidade**: clássicos traduzidos. São Paulo: Parábola Editorial; 2010.

LOPES, Denilson. Terceiro manifesto Camp. In: LOPES, Denilson. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

REIS, Alice Casanova dos. **Dança do ventre**: Arte, Estética e Vida. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2013.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Dança do ventre**: ressignificações do feminino? Fazendo Gênero 8 – Corpo, violência e poder. Florianópolis, 2008. Editora da UFSC. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST67/Saraiva-Camargo_67.pdf. Acesso em 13 fev. 2016.

SOUZA, Andréa Bittencourt de. **Cenas do masculino na dança**: representações de gênero e sexualidade. Ensinando modos de ser bailarino. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, ULBRA, Canoas, 2007

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. Disponível em: http://www.clam.org.br/bibliotecadigital/uploads/publicacoes/867_1567_louroguaciraLopescorpoeeducado.pdf. Acesso em 13 fev. 2016.

XAVIER, Cinthia Nepomuceno. **...5, 6, 7, 8... do oito ao infinito**: por uma dança sem ventre, performática, híbrida, impertinente. 2006. Dissertação (Mestrado) – UnB, Brasília, 2006. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5669/1/2006_Cinthia%20Nepomuceno%20Xavier.pdf. Acesso em 02 abr. 2016.